abralic
XIV Congresso Internacional
Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

BELMIRO BORBA: UM PERSONAGEM EM CONFLITO SOB O PRISMA DA MELANCOLIA

Keynesiana Macêdo Souza (UERN)

RESUMO: Este trabalho se propõe a correlacionar literatura e melancolia a partir da escritura de Cyro dos Anjos (1906-1994) na obra *O amanuense Belmiro* (1937), tendo como objetivo principal analisar como alguns aspectos da melancolia perpassam toda a narrativa desse livro ímpar no panorama literário brasileiro. Trata-se de uma obra atípica dentro da ficção da década de 1930 por ser uma voz dissonante comparada às produções regionais e sociais da época. Sua temática aborda a relação do homem com a vida; o presente e o passado; o amor e as frustrações e o herói em busca de si. Belmiro Borba, narrador-personagem, é um homem sentimental e tolhido pelo excesso de vida interior, que resolve escrever um livro e assim registrar no papel suas histórias, lembranças, sentimentos, meditações e ilusões. Nessa perspectiva, este estudo visa trazer à tona questões relacionadas à estética da melancolia, principalmente, sua relação com o processo criativo; existente na escritura belmiriana em seu fazer literário. Ao longo de nossa abordagem, recorreremos aos estudos realizados por Aristóteles (1998), Benjamin (2011), Kristeva (1989), Lambotte (2000), entre outros teóricos para articular pontos pertinentes à melancolia, à subjetividade e à criação artística/literária como fuga e refúgio do narrador-personagem, Belmiro Borba.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Década de 1930. Cyro dos Anjos. *O amanuense Belmiro*. Estética da melancolia.

A narrativa de *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, traz em seu escopo um narrador-personagem perpassado pela esfera melancólica, um sujeito imerso nos conflitos do seu próprio "eu" e, ao mesmo tempo, envolto nos acontecimentos do cotidiano que o cerca.

Cabe-nos destacar que neste estudo abordamos fragmentos das representações da linguagem melancólica presente no narrador Belmiro Borba, realçando a forma de expressão dessa linguagem atrelada ao seu cotidiano, à escritura do seu diário, ao seu estado de contemplação, as suas fantasias, à evocação da memória, e também à fugacidade do tempo. Esses são alguns aspectos importantes ligados à melancolia e ao sujeito melancólico.

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

Desse modo, observamos que há uma confluência na narrativa de Cyro dos Anjos com relação às mais variadas vertentes e características que conceituam a melancolia. Por meio do personagem Belmiro, é possível percebermos alguns traços marcantes desse fenômeno. O ato de contemplação, de entrega e reflexão, por exemplo, é uma constante no personagem Belmiro, e, aliada a esses atos, identificamos sua sensibilidade aguçada: "Para rematar: melancólico, mas resignado, enxerguei tudo[1]".

Embora Aristóteles (1998) tenha percebido o quanto a melancolia é sublime, foi na fase do Romantismo que ela adquiriu sua supremacia. Leopardi, poeta italiano, assim a traduziu:

> A melancolia é, de qualquer maneira, o mais sublime dos sentimentos humanos. [...] Considerar a imensidão incomensurável do espaço, o número e a grandeza maravilhosa dos mundos, e perceber que tudo isso é pequeno, até minúsculo em comparação com a capacidade de nossa alma; imaginar o número infinito de mundos e o universo sem fim e sentir que nosso espírito e nosso desejo é ainda mais vasto que o universo; proclamar sem cessar a insuficiência e o nada de todas as coisas, sofrer privações e desejos, e em consequência a melancolia, isso é o que me parece ser a marca mais evidente da grandeza e da nobreza da natureza humana (*apud* GINZBURG, 2001, p. 107).

Ginzburg (2001) explica que Leopardi atribui ao ser humano duas realidades antagônicas. De um lado, ele contempla as maravilhas e a grandiosidade da natureza, do universo, e isso o encanta. Por outro, ele percebe que está além de toda essa imensidão, que, na verdade, o mundo torna-se pequeno se comparado à capacidade de sua alma. Chegar a essa compreensão representa superar limites, mas, ao mesmo tempo, buscar fugir das limitações impostas pela realidade. Assim sendo, notamos que Belmiro é esse

[1] ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. São Paulo: Globo, 2006, p. 128. Doravante, no corpo do texto, indicaremos, entre parênteses, as iniciais *OAB* em itálico, seguidas do (s) número (s) da (s) página (s).

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

sujeito que procura escapar dessa limitação da verdade ou, até mesmo, fugir da realidade apática de sua vida.

Ainda dentro dessa perspectiva de elevação do conceito de melancolia, Benjamin (2011) em *Origem do drama trágico alemão*, destaca a disposição do melancólico para a contemplação. Ao relacionar as diferentes teorias, medievais e renascentistas, que procuram explicar a melancolia, esse autor não deixa de destacar seu caráter ambivalente no tocante à genialidade e à loucura; porém, ressalta a capacidade do olhar subjetivo do sujeito melancólico, um olhar capaz de detectar a ambição e os vícios dos tiranos, dotado do dom divinatório e, por vezes, profético. Tal capacidade também foi mencionada por Freud ao diferenciar o luto da melancolia, pois o sujeito melancólico se consome num trabalho interno, subjetivo, visto que "capta a verdade apenas com mais agudeza do que outros, não melancólicos" (FREUD, 2011, p. 55).

Ademais, o melancólico vive um estado de aparente desinteresse pelo mundo, numa busca de isolamento e contemplação, como podemos perceber no narrador-personagem em análise: "Perco-me, também, na contemplação comovida deste Rio velho, deste Rio encardido, que é o que amo. A cidade nova e brilhante, que nasceu dos flancos da outra, me assusta e intimida" (*OAB*, p. 199).

A atitude contemplativa e a rememoração, o retorno constante ao passado, são caraterísticas típicas do melancólico; e Belmiro vive a contemplar e lembrar os tempos idos:

> Em vão busquei nas linhas, cores e aromas de cada objeto ou de cada perspectiva, que se apresentavam aos meus olhos, as linhas, cores e aromas de outros dias, já longínquos e mortos.
> Inútil tentativa viajar o passado, penetrar no mundo que já morreu e que, ai de nós, se nos tornou interdito, desde que deixou de existir, como presente, e se arremessou para trás (*OAB*, p. 93).

Cabe, aqui, destacarmos que os sentidos são elementos que remetem à memória, e aguçam as lembranças. Sendo assim, ao fazermos uma ponte desses aspectos com os conceitos de melancolia, notaremos a relação de sentido existente entre eles, pois, de acordo com Olgária Matos (1987, p. 16), um sujeito melancólico é aquele que "tem dificuldade de esquecer, que fica preso ao passado", e ao retornar, semanticamente, o

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

sujeito volta ao já acontecido. É também o que ocorre com o narrador Belmiro, ao querer capturar as "cores e aromas" de tempos que não voltam, no intuito de rever paisagens e reviver momentos que para ele foram inesquecíveis. A memória em *O amanuense Belmiro* é também fator preponderante nesse trajeto melancólico do seu narrador, reforçando, assim, a melancolia belmiriana.

A narrativa de Cyro dos Anjos mostra que "o sujeito [...] se entrega à reflexão, imagem exemplar da vocação meditativa do melancólico" (GINZBUG, 1997, p. 62), pois seu personagem passa boa parte do romance entregue à meditação, a essas lembranças, à reflexão: "Ao final de uma das páginas que ficaram para trás já lhes contei o que se passa em mim, sempre que começo a meditar: perco-me num labirinto de antinomias" (*OAB*, p. 71). São recordações de amores antigos e de situações passadas que incidem o tempo todo no cotidiano, nos pensamentos e reflexões de Belmiro como tentativa de fuga da vida presente, como subterfúgio a não adaptação ao seu mundo externo.

Além da melancolia do que viveu, existe em Belmiro a presença da melancolia do que não viveu: os sonhos e desejos não conquistados, os amores irrealizáveis por Camila e depois Carmélia. Camila, já falecida, era seu velho amor de Vila Caraíbas; Carmélia, uma linda jovem da alta sociedade belorizontina; e sua amiga Jandira, por quem dizia ter apenas afeição de irmão, mas que na verdade despertava sua imaginação e interesse masculino: "Regressei, menos pessimista, da casa da Jandira. Mudou muito, mas continua interessante. E sempre desejável. Bem que seria capaz de lhe propor casamento...Ora, que tolice! Alguém me quer?" (*OAB*, p. 214).

Ele nutria uma paixão, idealizada e fantasiada por Carmélia, pois não tinha coragem de chegar até a moça e muito menos se declarar, mas continuava a sonhar: "Desejaria bebê-la com os olhos, obter uma imagem sua que se fixasse, em minha memória óptica, para alimento dos longos dias que passarei sem a ver. Creio que já não quero o mito mas a pessoa" (*OAB*, p. 53). As relações amorosas da vida desse personagem foram todas frustradas.

Com efeito, a relação que Belmiro mantém com as imagens tanto da memória, ao evocar o passado, quanto as imagens fantasiosas de suas donzelas idealizadas,

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

convergem para o que Freud (2011) denominou de relação traumática do melancólico com o objeto do desejo, ou seja, o "objeto não identificado". Com isso, entende-se que o narrador antecipa e deseja, porém nunca pode encontrar, alcançar ou possuir esse "objeto". A aflição de Belmiro está no seu reencontro com o passado, já sabido por ele que não há como reconstitui-lo, pois são "tempos mortos".

Foi Aristóteles (1998, p. 7) quem fez o seguinte questionamento: "Por que todo ser de exceção é melancólico?", ou seja, o homem melancólico seria dotado de certas capacidades, tais como: sensibilidade poética e inclinação filosófica. No caso do narrador, Belmiro, podemos dizer que o mesmo sofre de uma melancolia transformada em literatura, em diário:

> Há dois meses comecei a registrar, no papel, alguns fragmentos de minha vida, e noto agora que apenas o faço em datas especiais. Encontro uma explicação plausível: minha vida tem sido insignificante, e no seu currículo ordinário nem faz, realmente, por onde eu a perceba. [...] vou traçando quase que despercebidamente minha curva no tempo (*OAB*, p. 29).

Já nas primeiras páginas da narrativa, indagado pela amiga Jandira, Belmiro explica o porquê da necessidade de se escrever um livro, e compara a "gestação" da obra ao estado de gravidez da mulher, visto que ela precisará, na hora certa, dar à luz a criança; isso significa que ele escreve por motivo semelhante, porque chegará também o momento certo de seu livro vir à tona:

> "Por que um livro?", foi a pergunta que me fez Jandira, a quem, há tempos, comuniquei esse propósito. "Já não há tantos? Por que você quer escrever um livro, seu Belmiro?" Respondi-lhe que perguntasse a uma gestante por que razão iria dar à luz um mortal, havendo tantos. Se estivesse de bom humor, ela responderia que era por estar grávida (*OAB*, p. 25).

A intenção de Belmiro era transferir para o papel suas reminiscências, mas ocorre que é a banalidade de sua vida presente que é registrada. É no cotidiano que o personagem centra a escrita do seu livro, pois revela não ter nada de relevante para falar diante de uma vida insignificante, sem acontecimentos dignos de um livro; porém, descreve a necessidade de conceber o livro já que algo "agitava, no ventre" e queria

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

nascer. Com isso, ele vai tomando nota de situações vivenciadas no presente, mas que ao mesmo tempo é um presente perpassado, de forma constante, pelas lembranças do passado e pelo viés melancólico:

> Naquela noite de Natal, ao início destas notas, expus o plano de ir alinhando apontamentos que me permitissem publicar, mais tarde, um livro de memórias. Estava, então, concebendo qualquer coisa, e essa coisa se agitava, no ventre, reclamando lugar ao sol. Jamais pensei, naquela ocasião, ou antes dela, que o presente pudesse vir dominar-me o espírito por forma tal, dele expelindo as imagens do passado que então o povoam abundantes e vivas (*OAB*, p. 91).

Ao passo que a melancolia desordena os pensamentos e sentimentos, e os tornam exacerbados, também conduz o sujeito a "sentir, pensar e contemplar de modos que, em condições equilibradas, não seriam possíveis" (GINZBURG, 2001, p. 106). Nesse sentido, os artistas e filósofos, então, passariam a sofrer de uma melancolia dita criativa, uma melancolia que se manifesta de forma diferente da que ocorre com as pessoas "comuns". É o temperamento metafórico que propicia ao gênio suas criações filosóficas, poéticas, artísticas. Porém, ele sofre com a solidão e o isolamento do mundo à sua volta, ou seja, vive em uma espécie de mundo particular, impenetrável, pois "Esse talento os arrebata e os conduz como um 'barco sem lastro', na expressão de Sócrates" (SCLIAR, 2009, p. 5).

Aliada a esta ideia de genialidade e criação artística (literária), ou seja, da vida transformada em arte, em escritura a partir de um estado melancólico, é que o romance em estudo pode ser analisado sob o aspecto de uma possível melancolia criativa; algo voltado para uma concepção de melancolia não como patologia, como conceituou Freud (2011), ou ligada à depressão, como afirmava Kristeva (1989); mas sim uma melancolia inventiva, de impulso criativo, difundida por Aristóteles (1998) e, posteriormente, retomada por Benjamin (2011). Com efeito, é a partir dessas concepções que fazemos aqui a relação entre melancolia da escritura e o personagem Belmiro Borba; pois "não há como falar da melancolia sem presentificar aquele que, confrontado com a radicalidade da perda, encontra um caminho no ato criador" (PERES, 1996, p. 12).

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

O que podemos perceber é que o amanuense escreve um livro porque está grávido de "experiência" de vida, por notar que esta é uma forma possível de sublimação, uma maneira de atingir a transcendência. Nessa atmosfera de criação artística, é o próprio Belmiro quem relata seu estado de gravidez literária:

> Sim, vago leitor, sinto-me grávido, ao cabo, não de nove meses, mas de trinta e oito anos. [...] sou um amanuense complicado, meio cínico, meio lírico, e a vida fecundou-me a seu modo, fazendo-me conceber qualquer coisa que já me está mexendo no ventre e reclama autonomia no espaço (*OAB*, p. 25).

Ao dizer que a gestação do livro corresponde a 38 anos o narrador está se referindo a sua própria idade, sendo assim, o livro que sairá de suas entranhas é a escritura de sua própria vida, muito embora ele a considere inútil, vazia e monótona. Porém, não deixa de enfatizar algumas de suas caraterísticas ao dizer que é "complicado", "meio cínico" e "meio lírico".

O crítico Silviano Santiago (2006, p. 15) deixa claro que: "Em aparente alheamento ao que se passa ao redor e no mundo, a escrita de Belmiro – ou seja, a realidade estruturada simbolicamente na folha de papel – representa e elabora sensível, metódica e inconscientemente o drama humano, que não tem solução, e jamais terá". Assim sendo, os conflitos do amanuense também são os conflitos e questionamentos filosóficos que inquietam todos nós seres humanos, também inconstantes e, por vezes, melancólicos. No entender de Pécora (2006, p. 232), o narrador "[...] vai enredando a narrativa em perplexidades e dilemas insolúveis a ponto de produzir o seu efeito mais notável: um insolúvel de gêneros dentro de gêneros bem conhecidos como o romance, o diário e o memorial".

Belmiro ressalta em várias passagens da narrativa a relevância que tem seus escritos ao dizer que: "Este caderno, onde alinho episódios, impressões, sentimentos e vagas ideias, tornou-se a minha própria vida, tanto se acha embebido de tudo o que de mim provém e constitui a parte mais íntima de minha substância" (*OAB*, p. 95). Pouco a pouco o personagem vai trazendo à tona confissões como essa, sempre ressaltando a importância da escritura do seu diário, a reflexão sobre sua vida (passado e presente) e o apaziguamento que a literatura lhe proporciona.

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

Atinente a isso, nas páginas seguintes, o narrador fala em defesa da literatura e, assim, reforça a ideia de salvação pelas vias literárias, ou seja, o ato de sublimação por meio da escrita: "Quem quiser fale mal da literatura. Quanto a mim, direi que devo a ela minha salvação. Venho da rua oprimido, escrevo dez linhas, torno-me olímpico." (*OAB*, p. 197). A literatura é o meio e a forma de escape para Belmiro, é na escritura do seu diário que ele encontra algum sentido e alívio para sua vida tão lacunar e, ao mesmo tempo, intensa em seu interior, em sua subjetividade. De modo que "[...] o melancólico encontra na criação literária, que o instala "no universo do artifício", uma compensação emocional" (CORREIA, 2004, p. 12-13).

Em relação à elaboração do diário belmiriano, convém destacar que existiram tentativas anteriores de produção, no entanto, foram tentativas falhas tendo em vista que seu autor renegou a existência dessas páginas. De acordo com Lambotte (2000), o sujeito

> [...] provido de talentos intelectuais notáveis, o melancólico perder-se em projetos irrealizáveis, chocando-se contra o umbral que não pôde ultrapassar entre o imaginário e a realidade, entre a lógica irrepreensível de um sistema e os comprometimentos de uma aplicação forçosamente insatisfatória (LAMBOTTE, 2000, p. 48).

Assim sendo, já nas primeiras páginas do romance *O amanuense Belmiro* seu narrador fala de suas tentativas fracassadas com relação ao livro que almeja escrever:

> Este mesmo Belmiro sofisticado foi quem matou dois outros livros, no decurso dos dez últimos anos. Um, no terceiro capítulo, e outro na décima linha da segunda página. Enterrei-os no fundo do quintal, como se enterravam os anjinhos sem abismo, em Vila Caraíbas (*OAB*, p. 26).

Temos, então, um narrador que intenta por duas vezes realizar o seu projeto de escritura de um livro de memórias e falha sempre, passando assim anos em meio a essas tentativas vãs sem conseguir encaminhar seu projeto e alcançar seu objetivo: "O melhor seria vivermos sem livros, mas o homem não é dono do seu ventre, e esta noite insone de Natal [...] traz-me irreprimível de reencetar a tarefa cem vezes iniciada e outras tantas abandonada" (*OAB*, p. 25).

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

Mesmo quando o narrador decide não mais enterrar suas anotações, o livro que surge se configura como diário e não um livro de memórias como ele gostaria. Mas revela não se incomodar se os possíveis leitores do seu livro zombarem dele: "Se algum dia caírem estas linhas sob os olhos de alguém, rirão de minha literatura sentimental. Pouco me faz: toco trombone é para meu uso [...]" (*OAB*, p. 59). Ao analisar a figura de Belmiro, Pécora (2006, p. 237) ressalta: "Ocorre que Belmiro é tão inepto para escrever um diário, quanto o é para produzir um relato de memórias".

No caso de Belmiro, o diário se configura como um gênero que nasce dessa atividade de crise do sujeito, ligado ao exercício de pulsão de morte, em que se escreve para expulsar e aliviar os males do espírito, como libertação do fardo da vida, das emoções e inquietações do seu ser. Com isso, entende-se que o personagem encontra na escritura do seu diário uma maneira de eliminar ou esvaziar as perturbações de sua mente, transferindo para o papel suas lembranças, sonhos, sentimentos e fantasias no intuito de aplacar as inquietações interiores, mas também de marcar o tempo por meio da escrita, isto é, ao "construir para si uma memória de papel, criar arquivos do vivido, acumular vestígios, conjurar o esquecimento, dar à vida a consistência e a continuidade que lhe faltam" (LEJEUNE, 2008, p. 277), Belmiro tem a intenção de fixar o tempo por meio da escrita.

A escrita é encarada por Belmiro como algo catártico, capaz de purificar e renovar seu espírito. Por isso, o personagem faz as situações de sua vida reverberarem nas páginas do diário:

> Dediquei todo o domingo à leitura dos quatro cadernos de que já se compõe está espécie de Diário. Não havendo outras, uma vantagem encontraremos em deixar no papel o registro dos acontecimentos de nossa vida: veremos surgir aos nossos olhos, para instrução e advertência nossa, um ser bem diferente daquele que suponhamos encarnar. Quantas contradições, quão diversos estados de espírito, que inexperiência, que desconhecimento de nós próprios! Há pouco mais de um ano escrevi a primeira página. Outras se sucederam com largos intervalos (*OAB*, p. 209).

A escritura do diário representa para Belmiro um modo de sublimação, um termo freudiano usado para "descrever a forma pela qual o impulso sexual se transforma

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

em manifestações não ligadas a sexo: o trabalho ou a criação artística são formas de sublimação" (SCLIAR, 2003, p. 31). Então, a sublimação teria o papel de substituir esse objeto perdido: "Encontro uma sorte de libertação em escrever estas páginas, e as aflições do dia se dissipam" (*OAB*, p. 100). O próprio personagem confessa que o diário é, talvez, um sintoma do seu histórico de falhas na vida, da sua veia melancólica. Na concepção de Correia (2004, p. 41), "O melancólico se sente privado de um bem inomeável, que procura representar por meio de objetos substitutivos; ensina-nos a psicanálise que, através da sublimação, esses objetos adquirem o valor e o sentido da Coisa perdida".

De acordo com a concepção de Aristóteles (1998), a relação existente entre melancolia e genialidade se constitui por uma mescla entre sensatez e loucura. A conjetura aristotélica comporta a ideia principal do conceito de melancolia criativa, pois ela evidencia o comportamento do melancólico como aqueles indivíduos que se mantêm, ao mesmo tempo, impulsionados pela atitude criativa ao passo que se direcionam aos abismos mais profundos do ser humano.

Podemos dizer que o personagem Belmiro Borba está inserido dentro desse comportamento melancólico, pois é um sujeito que transita entre uma vida ociosa em sua função de burocrata e uma vida interior transformada em matéria literária, a partir de suas questões existenciais: a procura da pertença, a solidão, os amores não realizáveis, volta constante ao passado, oscilações no tempo e na vida, sua falta de solidez para com as situações cotidianas e o problema da incompletude do ser, isto é, sua "alma se inclina sobre si mesma e procura, nos seus recônditos, o pensamento revelador" (*OAB*, p. 204).

No trecho a seguir, podemos observar o estado de desânimo e confinamento de Belmiro, sendo que ele diz ter sido acometido por um tipo de "sorte de melancolia", uma melancolia voltada para o ato imaginativo, para a contemplação:

> Habituei-me a uma paisagem confinada e a um horizonte quase doméstico. No seu âmbito poucas são as imagens do presente, e muitas as do passado. E se tal vida é melancólica, trata-se de uma sorte de melancolia a que meu espírito se adaptou e que, portanto, não desperta novas reações (*OAB*, p. 30).

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

No decorrer da narrativa, percebemos a necessidade que o amanuense tem em transpor para o papel seus sentimentos, suas inquietações e seu desejo de encontrar sentido na vida pelo viés da literatura, por meio da escrita de si. Desse modo, o passado se deixa entrever através de imagens fugidias e, assim, Belmiro põe-se a escrever: "Percebi que vago delírio se apossara de mim, envolvendo-me naquela onda de saudade e naquele desejo de encontrar uma forma de morte, que é procurar as sombras de um mundo que se perdeu na noite do tempo" (*OAB*, p. 94).

No capítulo final do livro, Belmiro é categórico em falar: "[...] não preciso de papel, nem de penas, nem de boiões de tinta. [...] a vida parou e nada há mais por escrever" (*OAB*, p. 228). Pode-se dizer que existe um Belmiro antes e depois da escrita do diário. Conforme assinala Luís Bueno (2006),

> A vida parou, então ele se põe a escrever. A vida parou, então ele para de escreve. Por que se aplica o mesmo diagnóstico nos dois casos? [...] É que a vida estar parada ecoa de maneira muito diferente em seu espírito antes e depois da experiência do diário e dos acontecimentos que viveu e que ficaram ali registrados. [...].
> O apaziguamento final de Belmiro, é, portanto, melancólico, quase desumano e, principalmente, incompatível com a atividade intelectual que merece o nome (BUENO, 2006, p. 564-575).

O amanuense Belmiro expressa esse tom da melancolia e revela um sujeito/personagem oscilante que se debruça sobre si mesmo, sobre as coisas prosaicas da vida, e, pela via da escritura melancólica, produz seu diário. Eis o Belmiro das letras, da reflexão, da literatura, da melancolia, dos abismos; e não o Borba agrônomo ou da burocracia. Como se pode perceber na análise desse romance, o narrador se (re)constrói por meio da imaginação e da escritura diarística, como linhas de fuga da realidade e, dessa forma, expõe seus dilemas insolúveis. A literatura é encarada como um bálsamo capaz de aplacar as dores e angústias do ser humano, daí a relevância dessa escrita criativa, da arte (literária) que transcende o real. Escrever abre portas dentro da gente, desata nós, provoca lucidez; Belmiro escreve para continuar lúcido, para manter-se vivo. Afinal, "narrar é resistir[2]".

[2] ROSA, João Guimarães. Entremeio com o vaqueiro Mariano. In: ROSA, João Guimarães. *Estas estórias*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

Referências

ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. São Paulo: Globo, 2006.

ARISTÓTELES. *O homem de gênio e a melancolia:* o problema XXX, I. (Trad. do grego – Alexei Bueno). Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão.* (Trad. João Barrento). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BUENO, Luís. Cyro dos Anjos. In.: *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 551-575.

CORREIA, Francisco José Gomes (Chico Viana). Melancolia: sentido e forma. In: CORREIA, Francisco José Gomes (Org.). *O rosto escuro de narciso: ensaios sobre literatura e melancolia*. João Pessoa: Idéia, 2004.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

GINZBURG, Jaime. Conceito de melancolia. In: Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. *A clínica da melancolia e as depressões*. Porto Alegre: APPOA. Nº. 20, 2001.

KRISTEVA, Julia. *Sol negro:* depressão e melancolia. Tradução de Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LAMBOTTE, Marie-Claude. *Estética da melancolia*. Tradução Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico:* de Rousseau à Internet. Organização de Jovita Maria G. Noronha; Tradução de Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MATOS, Olgária. A melancolia. In*: Leia*, nº 103, mai. 1987, p. 16-17.

PÉCORA, Alcir. Um romance reticente (Posfácio). In.: ANJOS, Cyro. *O amanuense Belmiro*. São Paulo: Globo, 2006.

PERES, Urânia Tourinho. Dúvida melancólica, dívida melancólica, vida melancólica. In: ___. *Melancolia* (Org.). São Paulo, Escuta, 1996. (Biblioteca de psicopatologia fundamental).

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão*: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SANTIAGO, Silviano. *A vida como literatura:* o amanuense Belmiro. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SCLIAR, Moacyr. *Saturno nos trópicos:* a melancolia européia chega ao Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *A melancolia na literatura*. Cad. Bras. Saúde Mental. Vol. 1. nº. 1. 2009.